

POVOS TRADICIONAIS E MEIO AMBIENTE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL NUMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL EM CÁCERES-MT

Ronaldo Henrique Santana, Bolsista FAPEMAT, UNEMAT, ronaldobio@gmail.com;
Prof. Dr^a Beleni Saléte Grandó, UNEMAT, beleni.grando@gmail.com

RESUMO

Cáceres é uma das principais cidades do estado de Mato Grosso no contexto econômico, cultural e ambiental. A cidade agrega três biomas (Pantanal, Floresta Amazônica, Cerrado) e diversos grupos étnicos que se constituem neste espaço. O objetivo do trabalho é identificar como a educação é compreendida na relação dos povos tradicionais com o ambiente e como os elementos aí estabelecidos podem ser utilizados numa pedagogização ambiental em sala de aula. Inicialmente foram evidenciados quais são os povos que estão em relação próxima ao ambiente, destes, os povos tradicionais, representados pelos cururueiros, foram objeto de nossas observações, entrevistas e análises. Percebemos que os povos tradicionais se constituem como parte do ambiente e por isso exercem atividades que visam a utilização sustentável do espaço, pois estão preocupado com o futuro de seus filhos. Compreendido este etapa, estamos investigando como se dá a educação ambiental ministrada na escola e como podemos estabelecer uma relação intercultural entre os conhecimentos dos povos tradicionais no contexto da escola. Para que a educação ambiental se constitua de forma natural, o ensino deve deixar de ser ministrado de maneira vertical, onde os conteúdos “despencam” nos alunos, deve satisfazer a realidade e a compreensão do contexto local para que, assim, podemos efetivamente constituir pessoas sensibilidades com o meio ambiente, dentro do contexto regional.

Palavras-Chave: Povos Tradicionais; Cáceres-MT; Educação ambiental; Educação Intercultural.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/UNEMAT, institucionalizado na Universidade do Estado de Mato Grosso, na cidade de Cáceres-MT.

A pesquisa busca compreender como se estabelece a relação homem/natureza e quais são os saberes instituídos nesta relação no contexto ambiental da cidade que agrega três importantes biomas: A floresta Amazônica, Pantanal e Cerrado.

Considerando que a cidade de Cáceres é rica na confluência de raças e etnias, buscamos investigar quem são as pessoas que mantêm uma relação de proximidade do ambiente nas práticas cotidianas e quais são os modos de apropriação instituídos por estes povos.

Os saberes instituídos na apropriação do ambiente são o foco de nosso estudo, visto que estes saberes tradicionais são fundamentais para a agregação de valor e sentido na identidade sócio-cultural-ambiental dos povos que permeiam esta relação.

Outro viés fundamental do trabalho é compreender como esta educação que é instituída de maneira informal, no dia-a-dia, pode ser compreendida como um instrumento na pedagogização ambiental de estudantes do ensino fundamental e médio, no contexto de Cáceres, e inserida como modelo na defesa do meio ambiente.

Na investigação das pessoas que tem este perfil de proximidade com o ambiente, identificamos a comunidade de ribeirinhos que vivem no pantanal e os povos tradicionais que realizam as manifestações culturais em Cáceres.

Neste trabalho estaremos abordando apenas os povos que realizam as manifestações culturais na cidade, visto que a distribuição destas pessoas varia desde ambientes secos, adentro ao cerrado, a lugares próximos ao rio Paraguai, o que permite estudar contextos geográficos múltiplos e ricos na diversidade ambiental e cultural.

A menção de povos tradicionais neste trabalho se refere aqueles não-indígenas, comumente denominados *bio-regionais* e definido por Diegues (2002, p.89) como camponeses, que estão em relação de proximidade ou até simbiose com a natureza, que possuem baixo acúmulo de capital e estreita relação de mercado com a sociedade urbano-industrial.

Neste contexto, vamos influir como pode ser considerada uma educação ambiental na perspectiva da educação intercultural em Cáceres, com elementos trazidos da cultura tradicional diretamente ligada ao ambiente, para escolas que estão inseridas numa sociedade amplamente urbanizada.

A CIDADE DE CÁCERES E A DIVERSIDADE CULTURAL

Tornando-se importantíssimo centro político-econômico da região sudoeste do estado de Mato Grosso, a cidade de Cáceres é marcada pela natureza rica e diversificada de três biomas exuberantes: Floresta Amazônica, Pantanal e o cerrado matogrossense.

Atualmente as principais atividades econômicas são: Agricultura (diversa culturas), Comércio, Turismo (Festival Internacional de Pesca - FIP, e o grande número de barcos-hotéis, hotéis fazendas e hotéis na região) e a Pecuária com 892.348 cabeças efetivas de rebanho bovino (IBGE/2003).

A cidade já ultrapassou o limite de 100.000 habitantes (IBGE 2005) e constitui uma das mais importantes cidades do Estado. A distribuição das pessoas na cidade é irregular, muitos habitantes vivem as margens do rio Paraguai, que constitui um dos mais importantes rios que abastece o pantanal matogrossense, já outros moradores são encontrados em zonas distantes do centro da cidade, adentro ao cerrado, muitas vezes em locais de difícil acesso, agravado no período de chuva, onde as estradas encontram-se em piores condições.

Assim como o conjunto de riquezas naturais, a diversidade étnico-cultural está presente e perfaz uma importante característica da cidade: a confluência de raças e etnias. Esta diversidade cultural é fruto de uma miscigenação de povos provenientes de países como a África, Espanha e Portugal, assim como os povos indígenas, que já habitavam esta região por séculos.

Distribuídos na cidade, encontramos os chiquitanos, indígenas, bugres, negros, amarelos, mulatos, entre outros. Essa mistura das raízes culturais faz com que a cidade seja uma das regiões mato-grossense com maior concentração de confluências culturais no estado de Mato Grosso. Segundo Grando *et.al.* (2006),

A população cacerense é constituída de rostos e culturas diversas, com forte presença de remanescentes indígenas, porém com as raízes africanas dos negros trazidos pelos portugueses com escravos. Caracterizada também pela grande quantidade de fluxo migratório oriundo do nordeste, sul e sudeste brasileiro, e pela exclusão econômica ou política nas diferentes regiões do país, muitos vieram em busca de melhores condições de vida, com o sonho da terra, do trabalho e da fartura. (p. 4)

No meio desta confluência de raças, existe o que Grando denomina de zonas de Fronteiras Étnicas e Culturais (2004, p.4), que são os espaços socialmente construídos pelos grupos étnicos e são meios de expressar identidades coletivas manifestas no corpo, na forma de andar, sentar, vestir-se, etc. São espaços onde os grupos, de culturas

distintas, reforçam sua identidade coletiva, para assim, se constituírem verdadeiramente como grupo, diferente do outro.

As culturas e suas “fronteiras” não se configuram como limites, ao contrário, são espaços de intercâmbio de sentidos e significados que são estabelecidos por sensibilidades vivenciadas no corpo, onde se estabelece formas diversas de trânsito de conhecimentos, tradições, de organizações habitacionais, familiares, religiosidades, afetividade, etc. (GRANDO, 2004, p.4)

A constituição cultural de um povo é marcado por uma série de eventos ligados a cultura e um determinado espaço. O espaço é fundamental na constituição de identidades coletivas e individuais, visto que o saber tradicional está condicionado à determinada região e as práticas do cotidiano são vistas como formas de manutenção da vida, como o caçar, pescar, preparar um medicamento com raízes, etc. Estes conhecimentos são vistos como conhecimentos tradicionais e são frutos de uma educação informal transmitida tradicionalmente para os mais jovens.

Oliveira (2004, p. 13) comenta que as comunidades tradicionais têm se preocupado em transmitir seus conhecimentos a seus descendentes, num processo de educação que permeia as formas de agir, pensar, falar, correlacionar com si e com o outro, adquirindo características únicas da cultura em relação a seu ambiente.

DOS POVOS TRADICIONAIS E O AMBIENTE

A cidade de Cáceres é rica na diversidade do ambiente que é expressa nos rios que banham o pantanal, nas formas exuberantes do cerrado e nas florestas que cercam grande parte do território. Pode-se observar animais silvestres, como o jacaré, Garças, Biguás, Tuiuiú, entre outros, a um simples passeio no cais, frente a praça Barão do Rio Branco, que é um dos principais pontos turísticos no centro da cidade.

Assim como os animais, os povos tradicionais também estão em sintonia com a natureza. O pantanal constitui elemento fundamental para a permanência e manutenção da vida de algumas comunidades tradicionais que habitam a margem de seus rios e usufruem de seus recursos.

Colchester (2000) afirma que não existe definição universalmente aceita de quem são os povos/comunidades tradicionais, porém, o termo é amplamente utilizado para definir populações que exercem culturas diferenciadas daquela estabelecida globalmente. Diegues aponta um conceito de culturas tradicionais, onde, segundo ele,

[...] Culturas Tradicionais (num certo sentido todas as culturas são tradicionais) são padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados, além de seus produtos materiais, próprios do modo de produção mercantil. (DIEGUES, 2002).

Os povos tradicionais camponeses não são considerados autônomos, pois constituem-se política e economicamente dependentes da sociedade urbano-industrial, pois estabelecem reduzidas atividades de comércio. Ridfield (1971, *apud* DIEGUES, 2002, p. 81-82) afirma que a cultura camponesa é uma expressão local de uma civilização mais ampla.

Begossi e Silvano (2002, p. 93), reforça que estas pessoas vivem numa “estreita relação de consumo e dependência local”, e nesta relação com o meio, tomam suas decisões sobre a forma na qual vão obter os recursos, quais são necessários e de que forma estes serão consumidos.

Este relacionamento acontece de modo harmonioso, equilibrado, de maneira que a permanência destas pessoas neste espaço causa um impacto muito pequeno ao ambiente e mantêm a proximidade e a efetiva sensibilidade ao ambiente, pois se reconhecem como peça integrante do meio e se constituem sujeitos nesta relação.

Como a historicidade destas pessoas está ligada a natureza, os relatos afirmam que os conhecimentos surgem nos ensinamentos dos mais velhos durante as atividades do cotidiano.

Quando é preciso ingerir algum medicamento, basta recorrer ao ambiente para obtê-lo através das plantas e de animais, que são utilizados especificamente para determinados fins terapêuticos e preparados conforme o conhecimento local.

Diversas árvores da mata do Cerrado e da Floresta amazônica são usadas na preparação das casas, utensílios domésticos como mesas, cadeiras, copos, talheres, etc. Na natureza tudo pode ser aproveitado, e é com esta concepção que os povos tradicionais ensinam seus filhos o conhecimento que é repassado de geração em geração.

Os saberes culturais que permeiam as relações do homem tradicional com o meio ambiente são altamente necessários quando se discute a educação ambiental presente em Cáceres. Devido o descaso presente em muitos dos ecossistemas da região, devemos buscar nos costumes da cultura tradicional formas de melhorar a qualidade de ensino e sensibilização ambiental das pessoas que aqui vivem.

DOS CURURUEIROS E O CONHECIMENTO TRADICIONAL

Os pantaneiros são exemplos de povos tradicionais, visto que o ambiente, neste contexto, o rio, é fundamental para a sobrevivência da família e da comunidade, que muitas vezes estão em um espaço comum denominado comunidade tradicional, onde os valores são instituídos de maneira coletiva e seus representantes exercem uma estreita relação de parentesco.

Além dos povos tradicionais ribeirinhos, quilombolas e indígenas que vivem em Mato Grosso e em diversas partes do Brasil, na região de Cáceres existem uma outra concentração de cultura tradicional que é representada pelos Cururueiros.

Os cururueiros são homens tradicionais que satisfazem a relação harmônica com o ambiente. A origem do nome Cururueiro parte de um instrumento musical artesanal de cordas, oriundo do estado de Mato Grosso e confeccionado muitas vezes pelos próprios tocadores, que retiram todo material da natureza: a madeira, e antigamente, as cordas, que eram manufaturadas de tripas de macacos da região.

Estas pessoas realizam algumas práticas culturais em harmonia ao ambiente que são singulares aquelas referenciadas pelos autores em outros contextos culturais, como os pantaneiros e pescadores, que para Diegues (1996, *apud* Oliveira, 2004, p. 11) são geralmente frutos de intensa miscigenação.

De acordo com os dados do Núcleo de Estudos sobre Corpo, Educação e Cultura, existem mais de 60 cururueiros na cidade, distribuídos aleatoriamente. A grande maioria dos cururueiros é residente na cidade há mais de 20 anos.

Em quase todos, percebemos a historicidade ligada ao ambiente pantaneiro, evidente no vasto conhecimento que possuem sobre o pantanal/cerrado, dos ciclos naturais e das formas de vida inseridas neste contexto. Relatam que a infância foi inteiramente presente na natureza, todas as brincadeiras da época e os trabalhos na juventude eram voltados a atividades rurais.

Atualmente, Cáceres agrega cururueiros de várias regiões do estado de Mato Grosso, inclusive de países como a Bolívia. Destes, 17,85% são oriundos de Poconé, 69,64% de Cáceres, 1,7% da cidade de Pontaporã-MT, 1,7% de Rosário Oeste, 1,7% da Bolívia e 5,3% não informaram a naturalidade.

Muitos daqueles que nasceram em outras cidades do estado de Mato Grosso, vieram para Cáceres ainda muito pequeno. Muito daqueles que mudaram para Cáceres depois de adulto, afirmam que o ambiente de origem é similar ao encontrado aqui.

Além da afinidade pelo ambiente pantaneiro de Cáceres, a religiosidade é um elemento fundamental na relação entre eles. A maioria absoluta é Católica, existem alguns poucos que se converteram ao protestantismo.

DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO CONTEXTO DA ESCOLA

A educação exerce um papel fundamental na formação social, ética e moral de qualquer indivíduo. É a partir dela que o sujeito agrega sentimentos, valores, condutas e posicionamentos frente às imposições sociais no cotidiano.

Crespo (1998, *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 16) discorre sobre o papel da educação no sentido geral. Para o autor a função social da educação divide-se em duas principais correntes. A primeira é a que vê a educação como transmissão, ensino de conteúdos sistematizados ao longo de gerações, onde tem como objetivo principal a formação de cidadãos preparados para lidar com o sistema sócio-cultural e econômico onde se inserem. A segunda corrente entende a educação como aquisição de um sistema amplo e dinâmico de conhecimentos que não são adquiridos exclusivamente através da escola, ou pela grade curricular do chamado ensino formal, e visa formar indivíduos críticos, capazes de entender o mundo e a cultura onde vivem orientando suas atitudes por um padrão ético e por uma inteligência questionadora.

A educação formal deve atender a necessidade individual dos alunos. Não pode ficar presa a modelos de ensino que deram certo em outras regiões do planeta, deve permanecer intimamente ligado ao questionamento de problemas locais, de forma a facilitar a educação.

Cada aluno trás consigo uma bagagem de conhecimentos vivenciados no dia a dia, o papel da escola é sistematizar estes conhecimentos e fazer com que cada um, em seu devido tempo, perceba a realidade de forma a contribuir com sua sociedade, sua cultura regional.

Percebemos gradativamente que o ensino escolar “padronizado” não satisfaz as necessidades regionais e não acompanha os avanços tecnológicos do mercado. Uma vez que o papel da escola é preparar o aluno para uma sociedade economicamente dividida em classes, a capacitação para o mercado de trabalho é o mínimo que o ensino formal deve oferecer, entretanto, sabemos que isso não acontece.

No intuito de contribuir com o papel da escola no âmbito da educação direcionada ao ambiente, a educação intercultural permite que os conhecimentos e

valores instituídos em uma cultura seja transmitido e sistematizado por outros grupos culturais, de forma que exista uma melhoria na concepção dos valores.

A proposta de educação intercultural apresentada neste trabalho busca trazer elementos da cultura tradicional, apresentada anteriormente, para o contexto da escola, de modo que a educação ambiental se constitua naturalmente de maneira subjetiva na concepção dos alunos.

Quando trabalhamos elementos que já são conhecidos pelos alunos, o aprendizado fica mais fácil de ser assimilado.

Na cidade de Cáceres os alunos sabem que estão “morando” no pantanal. Essa afirmativa demonstra que já reconhecem alguns elementos do espaço no qual estão inseridos, como alguns animais e plantas que são mais comuns, assim como o rio e outros elementos.

Quando questionamos a importância que estes animais, plantas e rios exercem em suas vidas, os alunos afirmam que é preciso preservar para continuar existindo. O salto qualitativo que deve ser dado neste sentido é a concepção e a valorização do espaço que o aluno deve sentir em suas ações cotidianas fora do contexto escolar.

Essa valorização é percebida quando a sensibilidade é estampada na identidade do aluno, quando entende que é pertencente ao pantanal. Neste momento, o sentimento de preservação avança da esfera escolar, no momento da aula, para a personalidade do aluno.

A educação intercultural só pode ser integrada nas salas de aulas se os professores também compreenderem que o fundamental é fazer com que os alunos entendam e se satisfaçam como cidadãos pertencentes a um contexto social diretamente ligada ao bem estar do ambiente natural que o cerca.

CONCLUSÃO

A educação deve deixar de ser ministrada de forma vertical, onde os conteúdos despencam em cima dos alunos, deve ser estabelecida de forma que o professor amplie os conhecimentos já existentes e relevantes a realidade local.

Se conseguirmos efetivamente entender o espaço como as povos tradicionais entendem e trazer estes elementos para a escola, podemos chegar perto do que Sato (2003) afirma ser o “sentido da educação ambiental, manifesta como um processo de aprendizagem permanente que fomenta valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica”

Sato reflete que a educação instituída de maneira não-formal, no dia-a-dia, leva as pessoas a pensar espontaneamente sobre a qualidade da natureza e do espaço frequentado no cotidiano, são estabelecidos valores que determinam ações em prol da melhoria do ambiente.

Reis (1995, apud. OLIVEIRA SILVA, 2004) coloca que a escola é o local adequado para a tomada de consciência da existência dos problemas ambientais, devendo valorizar o saber de populações tradicionais, utilizando esse saber para permear o currículo tradicional nas escolas.

Finalmente, Guarim Neto *et. al* (1999), afirma que o estudo da temática ambiental deve ser contínuo e centralizado no educando, com respeito a sua cultura.

A educação deve produzir uma reflexão baseada nas experiências da realidade, contribuindo para fortalecer a prática de conhecimentos vivenciados.

Quando os elementos utilizados pelos povos tradicionais são trabalhados na escola, como a importância das plantas na saúde, os pratos que podem ser preparados com os animais e plantas da região, entre outros conhecimentos, podemos trabalhar uma educação ambiental local para a clientela específica da cidade.

É importante conhecermos o espaço e os recursos disponibilizados, assim podemos nos aproximar do que propõe os Planos Curriculares Nacionais – PCNs, de que o ensino deve atender a demanda e a clientela local.

Teixeira (2007, p. 23) nos define que a educação ambiental nada mais é do que a compreensão e o despertar da percepção do indivíduo sobre a importância de ações e atitudes para a conservação e a compreensão da preservação do meio ambiente, em benefício do bem estar de todos.

Os valores instituídos na cultura dos povos tradicionais, como nos cururueiros em Cáceres, é fruto de uma intensa afinidade ao ambiente natural e das formas de vida que ali se integram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEGOSSI, A. B; SILVANO. R. A. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: *Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste: Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais*, Rio Claro, São Paulo: 29/11 a 01/12/2001, editores: Maria Chistina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva. Rio Claro: coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – gabinete do Reitor - UNESP/CNPq, 2002 (p.93-108).

COLCHESTER, M. Resgatando a natureza: Comunidades Tradicionais e áreas protegidas. In: DIEGUES, A. C. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos* – São Paulo: Hucitec, 2000.

CRESPO, 1998. In: OLIVEIRA, R. *Retireiros do Araguaia, Luciara-MT*. Dissertação apresentada junto ao programa de Educação da UFMT. Cuiabá, 2004.

DIEGUES, A. *O mito moderno da natureza intocada*. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

GRANDO, Beleni Saléte; et.al. *Festas Religiosas na Grande Cáceres: Significados da festa no processo de constituição da identidade coletiva nos diferentes grupos sociais*. Relatório final Projeto de Iniciação Científica PROBIC/UNEMAT/CNPq. Cáceres-MT, julho de 2006.

GRANDO, Beleni Salette. *Corpo e Educação em relações de fronteiras étnicas e culturais em Mato Grosso*. Projeto de Pesquisa. PRPPG/UNEMAT, 2004.

GUARIM NETO, G., FERREIRA, M. S. F. D. e GUARIM, V. L. M. S. – O conhecimento ambiental e o contexto escolar no Pantanal Matogrossense. *Revista de Educação Pública*, v.8 n.14: 27 a 40, UFMT: Cuiabá, 1999.

OLIVEIRA SILVA, R. A. *Bases para educação ambiental em espaços não-escolarizados: um estudo com a comunidade de Retireiros do Araguaia – Luciara-MT*. Dissertação de Mestrado, Programa Integrado de Pós-Graduação em Educação UFMT/IE: Cuiabá, 2005.

REIS, 1994. In: OLIVEIRA, R. *Retireiros do Araguaia, Luciara-MT*. Dissertação apresentada junto ao programa de Educação da UFMT. Cuiabá, 2004.

RIDFIELD, 1971. In: DIEGUES, A. *O mito moderno da natureza intocada*. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

SATO, M. *Educação Ambiental*. São Carlos: Rima, 2003.

TEIXEIRA, A.C. Educação ambiental: Caminho para sustentabilidade. In: *Revista Brasileira de Educação Ambiental*.v.2. Brasília: REBEA, 2007, p. 23.